

Nefrologia sustentável pode reduzir custos de diálise

Redução pode chegar entre 5 e 15% dos custos operacionais totais

/ SAÚDE

Joaquim Porto

joaquimp@jcrs.com.br

Apoiado no Dia Nacional da Diálise, que anualmente ocorre na última quinta-feira de agosto, as atenções também se voltam para o lado da sustentabilidade, ressaltando a necessidade de mudanças quando é observado o impacto ambiental da terapia renal substitutiva. Conforme a Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), ao longo de um ano, cada paciente pode consumir cerca de 80 mil litros de água, além de gerar aproximadamente 323 kg de resíduos sólidos.

Desse modo, no tratamento dialítico - no caso da hemodiálise -, o sangue do paciente é filtrado. Após ser retirado, ele passa por uma máquina que tira todas as impurezas, gerando consumo de água, energia, materiais descartáveis, transporte, além de produzir gases de efeito estufa.

Segundo Cinthia Vieira, médica nefrologista, coordenadora do Comitê de Nefrologia Sustentável da SBN, “o tratamento em si gera esse consumo e produz todo o material que é descartado, como água, energia e resíduos, gerando mais gases de efeito estufa. Por isso, dizemos que o tratamento em si contribui para um problema ambiental”.

Nesse cenário, o impacto econômico também se torna um tópico, diferentemente do que aconte-



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL/DIVULGAÇÃO/JC

Iniciativas visam minimizar o impacto ambiental na terapia renal

ce em outros setores, que práticas ambientais acabam representando um aumento de custos, na área da diálise muitas ações sustentáveis geram economia.

“Claro que inicialmente vai ter um custo, mas depois de um tempo se reverte para o meio ambiente. Para o paciente continua tudo igual. Não podemos pecar na qualidade, mas temos que tentar conviver de uma forma harmônica com o meio ambiente”, explica Cinthia.

De acordo com André Luiz Pimentel, médico nefrologista e membro do Comitê de Sustentabilidade da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), se o setor de saúde fosse um país ele seria o 5º maior emissor de gases de efeito de estufa do mundo, e a terapia renal substitutiva (hemodiálise e diálise peritoneal) está entre as atividades com maiores responsabilidades.

“Uma clínica bem estruturada poderá reduzir entre 5 e 15% dos custos operacionais totais, enquanto os ganhos específicos podem ser maiores: 20% a 40% nos custos de energia, 10% a 25% na gestão de resíduos e até 30% nos custos associados à logística de entrega de materiais e insumos”, afirma Pimentel.

No entanto, ele ressalta que estes valores devem ser tratados como metas possíveis, e não como garantias. “O essencial é medir o consumo por sessão, estabelecer indicadores e calcular o retorno de cada investimento”, reforça.

Ele acrescenta ainda: “a sustentabilidade veio, sim, para ficar na nefrologia, já que deixou de ser apenas uma preocupação ambiental e passou a estar diretamente ligada à qualidade, à segurança, à eficiência e à continuidade dos cuidados.

Cerepal resiste à crise financeira e segue salvando vidas

/ INCLUSÃO

Joana Luna Camargo

joanac@jcrs.com.br

Toda segunda-feira é dia de aula de música no Cerepal (Centro de Reabilitação de Porto Alegre para pessoas com paralisia cerebral): “É o dia que eles não querem faltar”, brinca a presidente da instituição, Inajara Lafourcade, sobre a expectativa que toma conta das crianças e adultos atendidos.

A data ganhou destaque nesta semana em que o Brasil celebra a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla, realizada anualmente entre os dias 21 e 28 de agosto desde que a mobilização, idealizada pela APAE Brasil, foi oficializada no calendário nacional pela Lei nº 13.585/2017. Neste ano, a campanha adota o tema “Deficiência não define. Oportunidade transforma. Inclua nossa voz!”.

A frente das aulas de música está o professor Marcelo Astiazara, voluntário desde 2016, quando tocava em shows beneficentes para arrecadar fundos para o Centro. Durante a pandemia, formou-se em licenciatura na área e, ao revisar a escola, já formado, foi convidado a assumir a musicalização dos alunos. “Me encantei com as crianças”, conta, sobre o primeiro contato direto com elas.

Hoje, além das turmas regulares, coordena também um coral, voltado aos alunos verbalizados, que soma ao repertório noções de cidadania e história da cultura. “É um grande canal de expressão. Ajuda muito os meus alunos a se expressarem, tanto os verbais quanto os não verbais”, resume o professor.

É um efeito que as famílias sentem em casa, segundo Inajara, também mãe de Janaína, atendida pelo Cerepal desde os 3 anos - hoje, aos 51, ela pratica balé e natação. “As aulas de música fazem eles acreditarem no potencial que eles têm”, diz a presidente.

Fundado em 1964 por um grupo de pais que buscavam atendimento especializado para os filhos com paralisia cerebral, o Cerepal hoje é subsidiado por convênios com a Secretaria Estadual de Educação, a Secretaria Municipal de Educação (Smed) e a Secretaria Municipal de Assistência Social (Smas).

Entretanto, em março, o Centro viveu o risco de fechar as portas, após o encerramento abrupto do convênio com a Secretaria Municipal da Saúde, que financiava boa parte do atendimento clínico. Segundo a presidente, o valor repassado pelo contrato não cobria o volume de atendimentos exigido, o que resultou no rompimento.

Em maio, a Defensoria Pública do RS moveu uma ação contra o município por conta do encerramento, alegando desassistência a pacientes com deficiências severas. O corte encerrou a fisioterapia, restando apenas psicologia e terapia ocupacional via Smas. Hoje, a instituição segue com um orçamento mensal de R\$ 200 mil, mantendo 27 funcionários, cerca de 80 alunos na escola e 60 atendidos no serviço de convivência e reabilitação.

Uma das saídas que a entidade encontrou para buscar recursos é a realização de eventos como o galetão beneficente que acontece dia 13 de setembro, às 12h, no Cerepal (rua Brigadeiro Oliveira Neri, 100, no bairro Passo D'Areia).

Dmae conclui instalação de comportas em obra de proteção da Zona Norte

/ INFRAESTRUTURA

O Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae) concluiu nesta quinta-feira, a instalação das comportas que protegerão o arroio Passo das Pedras de eventuais cheias do rio Gravataí. A intervenção é a principal etapa das obras de proteção dos polders 7 e 8, localizados entre os bairros Sarandi e Anchieta, na Zona Norte.

“A instalação das comportas é mais um passo decisivo para colocar esse sistema em pleno funcionamento. Elas vão permitir controlar a entrada e a saída da água e reforçar a segurança da região do Aeroporto Salgado Filho. É uma

obra que está chegando à reta final, em ritmo chinês, para ampliar a proteção da população e preparar Porto Alegre para enfrentar eventos climáticos extremos”, relatou o prefeito Sebastião Melo.

Com a instalação das comportas, o sistema de proteção passa a estar operacional, quatro dias antes do prazo previsto na contratação. Nos próximos dias, as equipes atuarão nos últimos ajustes da obra, incluindo a elevação do novo dique à cota de 5,8 metros e a conclusão da estrutura de proteção junto ao Arroio Areia.

A proteção também será instalada junto às galerias preexistentes do Arroio Areia. Com o fechamen-

to desses pontos, o remanso do rio não poderá avançar pelas redes de drenagem em direção aos bairros. Bombas flutuantes serão utilizadas para retirar a água acumulada internamente, decorrente das chuvas, e lançá-la novamente no rio.

A obra dos polders 7 e 8 tem investimento de R\$ 47 milhões, incluindo os serviços de engenharia e a aquisição de equipamentos como bombas flutuantes, eletrocentros e geradores. Conforme estudo elaborado pelo Dmae em conjunto com consultores especializados, a intervenção não deverá provocar impactos negativos relevantes nos municípios vizinhos à Capital.



LUCIANO LANES/PMPA/JC

Obra reforça a segurança da região do Aeroporto Salgado Filho